

O MURO INVISÍVEL DE *CAPITÃES DA AREIA*

THE INVISIBLE WALL OF *CAPTAINS OF THE SAND*

João Luis Pereira Ourique¹
Jeean Karlos Souza Gomes²

Os pobres morrem por causa de suas necessidades e os ricos, por seus excessos.
(Terry Eagleton, 2013)

Data de recebimento do texto: 28/04/2024

Data de aceite: 18/05/2024

Resumo: Neste trabalho apresentamos uma análise da obra *Capitães da Areia*, publicada no ano de 1937, a partir da metáfora utilizada por Slavoj Žižek sobre o *muro invisível* que separa os indivíduos a partir de suas condições socioeconômicas. Tal perspectiva pode ser aplicada para o contexto da narrativa e ampliada para a cidade de Salvador desde a época de sua escrita até os dias atuais, demonstrando que essa segregação permanece como uma estrutura sólida na sociedade brasileira. Contamos, também, com os estudos de Giorgio Agamben, Terry Eagleton, Achille Mbembe, Néstor García Canclini e Josefina Ludmer para discutirmos as perspectivas críticas possíveis a partir da análise e interpretação do romance de Jorge Amado.

Palavras-chave: Capitães da Areia. Jorge Amado. Segregação. Desigualdade.

Abstract: In this paper we present an analysis of the novel *Captains of the Sand*, published in 1937, based on the metaphor used by Slavoj Žižek about the *invisible wall* that separates individuals based on their socioeconomic conditions. This perspective can be applied to the context of the narrative and extended to the city of Salvador from the time of its writing until the present day, demonstrating that this segregation remains a solid structure in Brazilian society. We also rely on the studies of Giorgio Agamben, Terry Eagleton, Achille Mbembe, Néstor García Canclini and Josefina Ludmer to discuss the possible critical perspectives from the analysis and interpretation of Jorge Amado's novel.

Keywords: Captains of the Sand. Jorge Amado. Segregation. Inequality

¹ Doutor em Letras. Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Docente permanente do PPGLetras FURG. E-mail: jlourique@yahoo.com.br

² Doutorando em História da Literatura - PPGLetras FURG. E-mail: jeeankarlos@hotmail.com

1. Introdução

Salvador nunca teve um muro que a dividiu como ocorreu em Berlim, que dividiu a Alemanha de 1961 a 1989, durante o período da Guerra Fria. O seu muro, contudo, simboliza uma insensível (des)ordem socioeconômica, invisível aos olhos nus. Essa metáfora se relaciona com o romance *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, que expõe as estruturas e os sintomas desse *muro*, concreto em sua invisibilidade que segrega pessoas em castas. Com isso, procuramos estabelecer um diálogo com a perspectiva de Slavoj Žižek (2014) acerca dos muros que separam as urbes pelo mundo.

Como a construção de um muro remete a uma divisão, comumente um dos lados é desfavorecido em relação ao outro, mesmo quando ambos vivenciam condições precárias de existência. Ao descrever os habitantes do lado desprovido economicamente, usamos como base teórica *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, de Giorgio Agamben (2010). Através das considerações do filósofo italiano sobre o conceito de bando, descrevemos o bando homônimo do romance e nos amparamos na sua reflexão acerca da *bíos e zoé*. Destacamos, também, as considerações de Josefina Ludmer (2017) para a descrição desse ambiente do desfavorecido a partir da noção de “ilha urbana”, perspectiva teórica que possibilita ampliar nossa visão sobre a paisagem cultural.

Jorge Amado foi um dos principais escritores do *Romance de 30*, movimento cujas temáticas principais transitavam entre o regionalismo e a denúncia das desigualdades econômicas do Brasil. Por conta de seu ativismo e posicionamento político, é perseguido e suas obras são censuradas; sobre esse aspecto da sua biografia escreve Duarte: “é preso em Belém do Pará, onde toma conhecimento da fogueira feita com seus livros em Salvador, logo após a decretação do Estado Novo” (2015, p.105).

Capitães da Areia, pela sua temática de crítica social, logo vai à fogueira sob a acusação de ser subversivo à ordem estabelecida. Mais tarde, o livro entra para o cânone nacional por se constituir como uma obra engajada sem sucumbir ao panfletarismo vazio. Mediante a ficcionalização de reportagens e das respostas dos leitores ao jornal que publicou as atividades das “Crianças ladronas” em um assalto à residência de um rico negociante, o comendador José Ferreira, a obra reflete o belo sol das praias da primeira capital do Brasil para além da região nobre da cidade.

2. O romance e o muro

Capitães da Areia conta a história de menores abandonados que sobrevivem através de seus furtos. O título do romance não é por acaso, pois, segundo o narrador: “[...] São chamados de ‘Capitães da Areia’ porque o cais é o seu quartel-general.” (AMADO, 1973, p. 6). Uma vez que a escassez e o desespero se faz presente na vida dos meninos marginalizados, eles acabam encontrando refúgio em um trapiche igualmente abandonado.

Pedro Bala, líder do grupo, Gato, Professor, Volta Seca, afilhado de Lampião, Sem-Pernas, João Grande, Dora, Pirulito, Almiro são algumas personagens que compõem o bando dos capitães, enquanto Padre José Pedro e João-de-Adão são amigos das crianças.

A ambientação do romance é em Salvador, Bahia, sobretudo na Cidade Baixa, parte mais pobre da cidade. Vale ressaltar que a capital baiana é dividida em duas partes: Cidade Alta e Cidade Baixa sendo, portanto, a Cidade Alta a parte mais abastada. E é a partir desse *muro invisível* que podemos tensionar a discussão ao considerar que a “divisão fundamental é a que passa entre aqueles incluídos pela esfera de (relativa) prosperidade econômica e aqueles por ela excluídos” (ŽIŽEK, 2014, p. 2072-2081). A divisão econômica causa a desigualdade tão presente nos ambientes urbanos e Salvador não é exceção. A própria geografia da cidade denuncia essa segregação: Cidade Alta e Cidade Baixa.

E é sobre aqueles que estão do outro lado do muro que nós fantasiámos: cada vez mais vivem em um outro mundo, numa zona neutra que funciona como uma tela para a projeção de nossos próprios medos, ansiedades e desejos secretos. *O “sujeito suposto saquear e estuprar” está do outro lado do muro* (ŽIŽEK, 2014, p. 2079-2084).

Nesse trecho, Žižek se refere ao muro de segregação racial na cidade de Nova Orleans, nos Estados Unidos. Lá, por conta desse tipo de segregação, os negros são discriminados e assumem um lugar no outro lado do muro, o lugar designado pelo *medo opressor*, pois em nome da segurança todas as barreiras para o livre trânsito da cidadania é barrado. Em *Capitães da Areia* o muro também está posto, sendo que os outros são os meninos de rua, à margem da sociedade, abandonados.

Observamos, juntamente com Canclini, que há uma distância ainda maior nas metrópoles do – ainda chamado – Terceiro Mundo da urbanização globalizada e a cidade tradicional, não integrada. Se pudermos observar diversos problemas nos cenários urbanos de países desenvolvidos economicamente, tal situação se torna extremamente mais problemática

quando nos deparamos com metrópoles em desenvolvimento e periféricas ao sistema de produção que explora a própria sociedade. As chamadas “cidades globais” (Nova York, Londres, Paris, Berlin, Tóquio) e as “cidades emergentes” (Barcelona, São Paulo, Cidade do México, Moscou) se diferenciam fundamentalmente quando estas últimas, os “centros regionais emergentes”, desenvolvem um modelo de gestão de serviços globalizados que “coexiste com setores tradicionais, atividades econômicas informais ou marginais, serviços urbanos deficientes, pobreza, desemprego e insegurança” (CANCLINI, 2007, p. 156).

Salvador é uma metrópole que convive com essa realidade de se manter dentro dessas bases sociais historicamente consolidadas no agir e no pensar cotidiano. Partilha com os outros centros emergentes uma tensão entre essa tradição e a modernização global; uma cisão que:

cria, ao mesmo tempo, oportunidades de integração internacional e desigualdade, exclusão econômica e cultural. Esses problemas são especialmente gritantes em relação aos jovens, que tem sua incorporação ao mercado de trabalho dificultada, pela desigualdade econômica e pela falta de preparo educacional (CANCLINI, 2007, p. 156).

No romance, a mídia local alimenta o preconceito e a discriminação. Já nas suas primeiras páginas são retratadas cartas abertas publicadas no jornal. Assim, no primeiro capítulo, “Cartas à Redação”, aparecem as reportagens e as cartas fictícias, que, por seu conteúdo e sua verosimilhança, poderiam ser divulgadas fora da diegese de Amado. A primeira reportagem cobra das autoridades uma atitude urgente diante da situação de furtos ocorridos, principalmente, na Cidade Alta. É intitulada “Crianças ladronas” e o seu subtítulo é o seguinte:

AS AVENTURAS SINISTRAS DOS CAPITÃES DA AREIA – A CIDADE INFESTADA POR CRIANÇAS QUE VIVEM DO FURTO – URGE UMA PROVIDÊNCIA DO JUIZ DE MENORES E DO CHEFE DE POLÍCIA – ONTEM HOUVE MAIS UM ASSALTO (AMADO, 1973, p. 4).

O jornal é bem explícito ao colocar entre travessão “URGE UMA PROVIDÊNCIA DO JUIZ DE MENORES E DO CHEFE DE POLÍCIA”. A imprensa, pois, utiliza o seu poder retórico para cobrar das autoridades uma atitude diante da situação. A reportagem narra o assalto cometido pelos garotos no seu primeiro parágrafo desta forma:

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, [...]. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos

“Capitães da Areia” (AMADO, 1973, p. 5).

Corredor da Vitória é um dos bairros da Cidade Alta, sendo um dos mais prósperos economicamente; é um lugar propício para palacetes e jardins, oferecendo, assim, paz e tranquilidade. Os capitães, movidos pela desesperança e ódio de uma cidade que insiste em os verem como seres aniquiláveis, rompem com a tranquilidade exalada do bairro; o jornal, porém, desconsidera que os assaltos são sintomas de uma sociedade repartida através do capitalismo.

O desfecho da reportagem é mais uma cobrança das autoridades, servindo também como instrumento para culpabilizar os meninos de sua ações: “Esperamos que o ilustre chefe de polícia e o não menos ilustre doutor Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão Jovens e já tão ousados” (AMADO, 1973, p. 7).

Com a agitação causada pela imprensa, o chefe de polícia escreve uma carta pública, também publicada no mesmo jornal. Em síntese, a carta diz que a polícia não tem como tomar nenhuma providência, porque o grupo é composto por meninos menores de idade, depositando ao Juiz de Menores a obrigação de coibir as ações dos capitães de areia. O Juiz de Menores, por sua vez, deposita a responsabilidade ao local de detenção aos jovens: o Reformatório, em suas palavras: “Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados” (AMADO, 1973, p. 10). Como se observa, Amado critica as autoridades locais que nada fazem para amenizar o problema do abandono e da pobreza, ficam num círculo vicioso culpabilizando uns aos outros sem nenhuma solução efetiva. Com autoridades agindo dessa forma, desconsiderando totalmente o contexto sócio-econômico, a única proposta que conseguem enxergar, para findar os assaltos e devolver a paz, é através da repressão. E essa repressão é feita pelo Reformatório.

A citação do reformatório instiga uma mãe de um ex-detento, ao escrever uma carta tecendo desprezo pelo lugar:

Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. [...] O diretor de lá vive caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. [...] Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte agüenta, e as surras que tomam (AMADO, 1973, p. 11).

Essa mãe, preocupada com o destino que seu filho e que outros garotos podem tomar, denuncia as condições do reformatório. A primeira vista a palavra “escravo” pode soar como um exagero, entretanto como afirma Mbembe: “O sentido violento da vida de um escravo se

manifesta pela disposição de seu supervisor em se comportar de forma cruel e descontrolada, e no espetáculo de dor imposto ao corpo do escravo” (2011, p. 131). Ora, um supervisor violento e descontrolado ao gerenciar o reformatório, acaba agravando a situação daqueles empurrados às margens da sociedade, reduzindo-os à posição de escravo pelos castigos severos aplicados em seu corpo.

Ainda na temática do corpo, Giorgio Agamben (2010) assinala o *homo sacer* no seguinte trecho: “Protagonista deste livro é a vida nua, isto é, a vida *matável* e insacrificável do *homo sacer* [...]” (AGAMBEN, 2010, p. 16). E, assim como no livro do filósofo italiano, o protagonista de *Capitães da Areia* também é o *homo sacer* em “sua vida insacrificável e, porém, matável” (AGAMBEN, 2010, p. 17). Matável é, pois, o bando dos Capitães da Areia, “Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos [...]. (AMADO, 1973, p. 6). O *homo sacer* é, então, “uma pessoa simplesmente posta fora da jurisdição humana sem ultrapassar a divina” (AGAMBEN, 2010, p. 89).

Ainda segundo Agamben, o “bando é uma forma de relação.” (2010, p. 36), visto que os capitães interagem através de seu bando, constroem relações e cuidam um dos outros. Antes de constituir um bando, porém, a situação de abandono é comum em suas vidas, logo: “Aquele que foi banido não é simplesmente posto fora da lei, é abandonado” (AGAMBEN, 2010, p. 36). Assim, as suas relações são possíveis através do bando que eles mesmos criaram.

3. Cidade Alta e Cidade Baixa

A divisão de Salvador aparece em outra obra estética, como, por exemplo, a música *Duas Cidades*, da banda BaianaSystem. Em seu refrão a letra nos diz: Divi-divi-divi-dividir Salvador/ Diz em que cidade que você se encaixa/ Cidade Alta/ Cidade Baixa (BaianaSystem, 2016). Esses versos lembram ao muro simbólico do qual fala Žižek, o eu lírico da canção nos deixa uma pergunta: em qual cidade nos encaixamos?

Agamben nos traz a dicotomia grega *bíos* e *zoé*. *Bíos* é a maneira de viver individualmente ou em grupo, *zoé*, por sua vez, é a vida nua ou simplesmente a vida animal, o seu lugar é numa zona de exclusão da *pólis* (AGAMBEN, 2010). Em uma reflexão acerca do lugar da *zoé* na cidade, Agamben questiona: “de que modo a vida nua habita a *pólis*?” (2010, p. 15). Levando em conta a *pólis* de *Capitães da Areia*, a *zoé* tem seu lugar específico, o outro

lado do muro, a zona de exclusão. Observando esse lado, percebemos como é isolado. Para caracterizar essa zona, Ludmer (2017) escreve o conceito de ilha urbana, segunda a autora:

A ilha urbana é um regime territorial de significação (coloca corpos em relação com territórios, fixa posições e traça movimentos), além de uma máquina de naturalização social, operando por irrupções da ‘natureza humana’, ou simplesmente, da “natureza” (LUDMER, 2017, p. 120).

A autora argentina abrange o seu conceito para toda América Latina, citando exemplos de cidades fictícias e cidades reais. É, então, possível classificar a Cidade Baixa como uma ilha urbana, esse lugar onde habitam os loucos, os enfermos, as prostitutas, os desempregados etc. (LUDMER, 2017). Seria, portanto, um “nível mais baixo é uma parte animal [...] uma matéria fora da história, ou da lei [...] cancela as divisões sociais, chegando também quase a apagar a diferença entre homens e animais” (LUDMER, p. 120-121). No capítulo do romance de Amado, *Manhã como quadro*:

No entanto, não têm mais do que uns poucos níqueis no bolso, vão vestidos de farrapo, não sabem o que comerão. [...] Pedro Bala apontou os telhados da cidade baixa:
– Tem mais cores que o arco-íris...
– É mesmo... Mas tu espia os homem, tá tudo triste. Não tou falando dos rico. Tu sabe. Falo dos outros, dos das docas, do mercado. Tu sabe... Tudo com cara de fome, eu nem sei dizer. É um troço que sinto... (AMADO, 1973, p. 150).

Mostra a situação de Pedro Bala e Professor, eles então percebem a escassez do lugar em que vivem, notam também o desespero das outras pessoas, sobretudo a fome que cai aos moradores. A fome, a busca por alimento, além de serem tratados com violência remete ao apagamento da diferença entre homens e animais. É um exemplo de como a *zoé* torna-se presente, é ela, portanto, “que exprimia o simples fato de viver comum a todos os seres vivos (animais, homens ou deuses)” (AGAMBEN, 2010, p. 9).

A desigualdade entre Cidade Alta e Cidade Baixa desafia até a ordem sobrenatural. No capítulo *Alastrim* o narrador conta como foi o surto de varíola em Salvador, e como é de se esperar um dos lados do muro foi mais afetado do que o outro.

Omolu mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era uma deusa das florestas da África, não sabia desta coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama (AMADO, 1973 p. 158).

Omolu, orixá da varíola, enviou a doença à cidade, porém um dos lados se vacinou, por conseguinte, aqueles que não tiveram acesso ao antídoto ficaram doentes. Diante dessa crise, as autoridades tomam uma medida: internar quem foi infectado. Eles agiam desta

forma:

os homens da Saúde Pública vinham e levavam os doentes para o lazareto. Ali as famílias não podiam ir visitá-los, eles não tinham ninguém, só a visita do médico. Morriam sem ninguém saber e quando um conseguia voltar era mirado como um cadáver que houvesse ressuscitado (AMADO, 1973, p. 158).

O lazareto era o lugar de confinamento com o propósito de isolar e exterminar o doente. Essa configuração de lugar lembra ao campo de concentração, assim é interessante ler o que Mbembe (2011) escreve a respeito: “Os campos da morte em particular têm sido interpretados de diversas maneiras, como a metáfora central para a violência soberana e destrutiva, e como o último sinal do poder absoluto do negativo” (2011, p. 124). Uma entidade do Estado e ao mesmo tempo destrutiva, por essa razão comparamos o lazareto a um campo de concentração.

Não demorou até que a enfermidade atingisse o bando dos capitães. O padre, amigo do grupo, logo tentou auxiliar de alguma forma:

O padre deu boas noites e perguntou quem era o doente Pirulito apontou Almiro, o padre se dirigiu para ele, chegou perto, pegou no braço, examinou. Depois disse a Pedro Bala:
– É preciso levar para a assistência...
– Pro lazareto?
[...]
Não vai repetiu Pedro Bala.
– Por que, meu filho? perguntou o padre José Pedro.
– Tu sabe, padre, que ninguém volta do lazareto. Ninguém volta. E ele é um da gente, um do grupo. A gente não pode fazer isso...
– Mas é a lei, filho.
– Morrer? (AMADO, 1973, p. 164).

Realmente “Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem à Saúde Pública os casos de varíola, que conhecessem, para o imediato recolhimento dos variolosos aos lazaretos.” (AMADO, 1973, p. 165). Tal lei vai ao encontro com a Necropolítica, de Mbembe, o estado detentor do poder de decidir quem morre e quem vive. Agamben comenta sobre essa forma de lei: “Uma pura forma de lei é apenas a forma vazia da relação; mas a forma vazia da relação não é mais uma lei, e sim uma zona de indiscernibilidade entre lei e vida, ou seja, um estado de exceção.” (2010, p. 66), assim, o conceito de lei e vida fica borrado e o estado de exceção se instala. Almiro morre internado no lazareto, porém a varíola ataca outro membro do grupo, Boa-Vida.

Boa-Vida olhou a cidade, fêz um gesto com a mão. [...] Seu vulto desapareceu no areal. Professor ficou com as palavras prêsas, um nó na garganta. [...] E então a certeza de que não mais verá seu amigo encheu o coração de Professor. A certeza de

que ou outro ia para a morte (AMADO, 1973, p. 176-177).

Boa-Vida, no fim, consegue sobreviver ao horror do lazareto, contudo os acontecimentos de lá não são narrados:

– Como era o lazareto?

[...]

– Ninguém sabe dizer, não. É uma coisa por demais... Uma nojeira. A gente quando entra é igual um que entra no caixão... [...] – Igual que entres pro caixão pra ir pro cemitério... Igual...

Não achou mais que dizer. Sem-Pernas perguntou entre dentes:

– Que mais?

– Nada. Nada. Não sei, não... Por Deus, não pergunte... – baixou a cabeça, que balançava para todos os lados. Sua voz saiu muito baixa, como que ainda amedrontada: – É mesmo que ir pro cemitério. Tudo já está morto (AMADO, 1973, p. 178-179).

Ao ser questionado sobre o confinamento, Boa-Vida não consegue descrever o ocorrido, o que se encaixa na reflexão de Agamben a respeito das testemunhas do campo de concentração: “Além disso, alguns sobreviventes preferem ficar em silêncio.” (2008, p. 26). Em silêncio, porque não tem experiência para ser compartilhada.

Žižek (2014) escreve sobre os conceitos de violência subjetiva e objetiva, ambas não podem ser entendidas pelo mesmo prisma. Ele, então, as define dessa forma:

a violência subjetiva é experimentada enquanto tal contra o pano de fundo de um grau zero de não violência. É percebida como uma perturbação do estado de coisas ‘normal’ e pacífico. Contudo, a violência objetiva é precisamente aquela inerente a esse estado ‘normal’ de coisas. A violência objetiva é uma violência invisível (ŽIŽEK, 2014, p. 340-348).

Sem-Pernas, um dos membros do bando, sofre a violência subjetiva, ela em si é caracterizada por ser nua e crua como mostra o trecho a seguir:

O Sem-Pernas já tinha mesmo [...] chegado a comprar entrada para um, mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava vestido de farrapos. Depois o bilheteiro não quis lhe devolver o bilhete da entrada, o que fez com que o Sem-Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria [...] levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago. [...] Mas o Sem-Pernas preferiria, sem dúvida, ter rodado no carrossel [...] (AMADO, 1973, p. 72-73).

A personagem, injustiçada no parque de diversão, acaba respondendo da mesma forma. Pedro Bala também passa por algo similar quando é capturado pela polícia:

Fecharam a sala. O investigador disse numa voz risonha:

– Agora os jornalistas já foram, moleque. Tu agora vai dizer que sabe queira ou não queira.

O diretor do reformatório riu:

– Ora, se diz...

O investigador perguntou:

– Onde é que vocês dormem?
Pedro Bala o olhou com ódio:
– Se tá pensando que eu vou dizer...
– Se vai...
– Pode esperar deitado.

Virou as costas. O investigador fez um sinal para os soldados. Pedro Bala sentiu duas chicotadas de uma vez. E o pé do investigador na sua cara. Rolou no chão, xingando (AMADO, 1973, p. 218).

Ainda segundo Žižek: “A lição aqui é que devemos resistir ao efeito de fascínio da violência subjetiva, da violência exercida por agentes sociais, indivíduos maléficos, aparelhos repressivos disciplinados [...] a violência subjetiva é tão somente a mais visível das três.” (ŽIŽEK, 2014, p. 520). O investigador e os soldados assumem, nesse contexto, o papel de indivíduos maléficos sendo comandados pelo aparelho repressivo do Estado. Podemos afirmar que o bando sofre a violência de maneira sistêmica e sistematizada, tanto de forma objetiva quanto subjetiva, reproduzindo essas estratégias de opressão a partir da sua condição à margem da sociedade.

4. Conclusão

Diferentemente do muro de Berlin que ruiu, o *muro invisível* que observamos a partir do romance de Jorge Amado ainda permanece intacto, bem como a ilha urbana da Cidade Baixa. *Capitães da Areia*, embora escrito na década de 30 do século XX, revela a vida dos abandonados – os sujeitos que assumem o lugar de *homo sacer*, aquele ser matável – nos grandes centros urbanos do país dando voz aos que são excluídos.

O simbolismo do final da narrativa nos apresenta um fechamento de ciclo que revela a continuidade do círculo vicioso da miséria e da violência. Quando o chefe entrega o seu lugar, o bando não deixa de existir, apenas mudando a sua liderança: “Bala reúne a todos, bota Barandão junto de si: – [...] Vou embora, Barandão agora fica o chefe” (AMADO, 1973, p. 291). Pedro Bala se torna grevista lutando pelos direitos trabalhistas, com o intuito de seguir os passos do pai, que um dia foi grevista e acabou sendo assassinado. Dessa forma, embora tenha saído dos capitães, Bala permanece com sua marca indelével de *homo sacer*, pois ainda é caçado por conta das greves que lidera.

O bando do romance se constitui, assim, como uma representação de tantos bandos formados nas periferias das grandes cidades brasileiras. Os *capitães* também podem ser percebidos como a tentativa de personificação dos sintomas sociais de um país desigual sem grandes perspectivas de mudanças, pois enquanto esse *muro invisível* existir a *zoé* estará

presente na *pólis*.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Martins, 1973.

BAIANASYSTEM. **Duas cidades**. Salvador: Máquina de Louco, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8izpWlQ1zA>>. Acessado em: 4 de nov. 2020.

CANCLINI, Néstor García. **A globalização imaginada**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

EAGLETON, Terry. **Doce violência: a ideia do trágico**. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2011.

LUDMER, Josefina. **Aqui América latina: uma especulação**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

TERESA REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2015

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência** [recurso eletrônico – Epub]: *seis reflexões laterais*. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.